CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA COMPLEXIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA DA PAZ

CONTRIBUTIONS OF COMPLEXITY THEORY TO THE CONSTRUCTION OF A PEACE SCIENCE

CONTRIBUCIONES DE LA TEORÍA DE LA COMPLEJIDAD A LA CONSTRUCCIÓN DE UNA CIENCIA DE LA PAZ

Maria Candida Borges de Moraes[1]

RESUMO
Este texto foi apresentado na III Reunião Técnica da Cátedra, realizada em Brasília/DF, no período de 17 a 19 de junho de 2026. Discute contribuições da Teoria da Complexidade para a construção de uma Ciência da Paz, situando o debate no pensamento de Pierre Weil e, sobretudo, de Edgar Morin. Inicialmente, apresenta uma contextualização memorial, evocando encontros acadêmicos e a missão institucional relacionada à paz, ética e integração entre saberes, para então sustentar que a paz não se reduz à ausência de conflito. Nessa perspectiva, a paz é compreendida como fenômeno multidimensional e relacional, articulando paz interior, paz social e paz ambiental, vinculada a processos contínuos de integração da consciência humana. A argumentação central desenvolve-se a partir de uma crítica ao paradigma simplificador, que fragmenta relações entre ser e realidade e separa aprendizagens, vida, sujeito e objeto, favorecendo crises antropológicas e existenciais. Defende-se que a evolução contemporânea da ciência evidencia a interdependência entre estruturas do pensamento e mundo vivido, o que demanda uma reforma do pensamento e do conhecimento como condição para superar visões reducionistas. Em seguida, apresenta-se a Epistemologia da Complexidade como base para um pensar complexo capaz de religar saberes, reconhecer a provisoriedade do conhecimento e admitir contradições, emergências e incertezas. Finalmente, conclui-se que a construção de uma Ciência da Paz requer uma racionalidade aberta, transdisciplinar e eticamente orientada por princípios de compreensão, solidariedade e cidadania planetária, demandando também práticas educacionais capazes de promover transformação interior e cuidado com o "triângulo da vida" — indivíduo, sociedade e natureza.
PALAVRAS-CHAVE: teoria da complexidade; ciência da paz; paradigma simplificador.

ABSTRACT
This text was presented at the Chair's 3rd Technical Meeting, held in Brasília (DF) from June 17 to 19, 2026. It discusses the contributions of Complexity Theory to the construction of a Science of Peace, situating the debate within the thought of Pierre Weil and, above all, Edgar Morin. It begins by providing a contextual overview—recalling academic gatherings and the institutional mission regarding peace, ethics, and the integration of knowledge—to argue that peace cannot be reduced to the mere absence of conflict. From this perspective, peace is understood as a multidimensional and relational phenomenon that links inner peace, social peace, and environmental peace, all connected to continuous processes of integrating human consciousness. The central argument critiques the "simplifying paradigm," which fragments the relationship between being and reality and separates learning, life, subject, and object, thereby fostering anthropological and existential crises. It posits that the contemporary evolution of science highlights the interdependence between thought structures and the lived world, necessitating a reform of thought and knowledge as a prerequisite for overcoming reductionist views. Subsequently, the Epistemology of Complexity is presented as the foundation for a complex mode of thinking capable of reconnecting forms of knowledge, acknowledging the provisional nature of knowledge, and embracing contradictions, emergent phenomena, and uncertainties. Finally, the text concludes that constructing a Science of Peace requires a form of rationality that is open, transdisciplinary, and ethically guided by principles of understanding, solidarity, and planetary citizenship; this also demands educational practices capable of fostering inner transformation and care for the "triangle of life"—comprising the individual, society and nature.
KEYWORDS: complexity theory; peace science; simplifying paradigm.

[1] Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin (CEP Edgar Morin), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4247-8489

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

RESUMEN
Este texto fue presentado en la III Reunión Técnica de la Cátedra, celebrada en Brasilia/DF, del 17 al 19 de junio de 2026. En él se analizan las contribuciones de la Teoría de la Complejidad a la construcción de una Ciencia de la Paz, situando el debate en el pensamiento de Pierre Weil y, sobre todo, de Edgar Morin. Inicialmente, se presenta una contextualización conmemorativa, evocando encuentros académicos y la misión institucional relacionada con la paz, la ética y la integración del conocimiento, para luego argumentar que la paz no se reduce a la ausencia de conflicto. Desde esta perspectiva, la paz se entiende como un fenómeno multidimensional y relacional, que articula la paz interior, la paz social y la paz ambiental, vinculadas a procesos continuos de integración de la conciencia humana. El argumento central se desarrolla a partir de una crítica del paradigma simplificador, que fragmenta las relaciones entre el ser y la realidad y separa el aprendizaje, la vida, el sujeto y el objeto, favoreciendo las crisis antropológicas y existenciales. Este artículo sostiene que la evolución contemporánea de la ciencia subraya la interdependencia entre las estructuras de pensamiento y el mundo vivido, lo que exige una reforma del pensamiento y del conocimiento como condición para superar las visiones reduccionistas. A continuación, presenta la Epistemología de la Complejidad como base para un pensamiento complejo capaz de reconectar el conocimiento, reconocer su carácter provisional y admitir contradicciones, emergencias e incertidumbres. Finalmente, concluye que la construcción de una Ciencia de la Paz requiere una racionalidad abierta y transdisciplinaria, guiada éticamente por los principios de comprensión, solidaridad y ciudadanía planetaria, y que exige prácticas educativas capaces de promover la transformación interior y el cuidado del «triángulo de la vida»: individuo, sociedad y naturaleza.
PALABRAS CLAVE: teoría de la complejidad; ciencia de la paz; paradigma simplificador.

INTRODUÇÃO

Ao falar de Cultura de Paz, de Ciência da Paz, não posso deixar de recordar, inicialmente, a dois grandes amigos comuns – Pierre Weil e Edgar Morin e lembrar de um momento muito especial, mais precisamente, em 2008, quando presidi uma Conferência sobre Complexidade, Transdisciplinaridade e Ecoformação, realizada na Universidade Católica de Brasília, em que nós homenageamos Pierre Weil. A decisão de homenageá-lo foi algo intuitivo de minha parte. Ubiratan D'Ambrósio fez a palestra de Abertura e recebeu Pierre Weil, que já estava quase cego, levando-o de braços dados a sentar-se à mesa principal. E neste momento, entrou Edgar Morin e os três se abraçaram linda e calorosamente. Momento inesquecível, em que Pierre Weil afirmou solenemente que sua missão terminava ali, pois a transdisciplinaridade tinha chegado à universidade e ele já poderia descansar. A plateia emocionada, gritou: Não, você continua! E logo no mês seguinte, início de outubro de 2008, Pierre partiu, serenamente. Foi uma homenagem muito simbólica, oportuna, importante e inesquecível.

Pierre Weil, nosso Samurai da paz, foi o fundador da Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ), instituição dedicada à promoção da paz, da ética e da integração entre ciência, arte, filosofia e espiritualidade e que vem promovendo, há mais de 40 anos, "um movimento de educação, cuidado e práticas integrativas para o despertar da consciência de inteireza, de onde emana a Paz, rumo à sustentabilidade, com ética, amor e respeito à vida", esclarecimento este que está presente no site da UNIPAZ.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

Em seu conhecido livro sobre a Arte de Viver em Paz (Weil, 1993), obra prefaciada por Robert Muller, Chanceler da Universidade da Paz de Costa Rica, Pierre integrou a educação para a paz à arte de viver, assunto que também é de complexidade infinita e requer, por sua vez, um tratamento absolutamente transdisciplinar e complexo. Nesta obra, ele destacou que "a paz é o resultado de uma convergência de medidas dependentes da ecologia interior, da ecologia social e da ecologia planetária. Ela é fruto das relações de equilíbrio do triângulo da vida, representado pelas interações indivíduo/sociedade/natureza" (Weil, 1993, p. 37). E visando essa possibilidade de utópica harmonia, ele construiu a sua Roda da Paz, como condição para uma cidadania planetária, como também proposto pelo nosso querido Edgar Morin.

Para Pierre Weil, a paz não seria apenas ausência de guerra ou de conflito externo. Ela é, sobretudo, um estado de consciência, envolvendo as dimensões: paz interior, paz social e paz ambiental. Implica, portanto, um processo contínuo de integração do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o mundo ao se redor. Não como sujeito passivo, mas como uma construção ativa, complexa e transdisciplinar da consciência humana. Visão que se aproxima muito de Edgar Morin, para quem a paz não é ingenuidade, mas lucidez diante da complexidade da vida. O que implica uma consciência crítica e complexa capaz de lidar com as incertezas e contradições. Ambos defendem a ideia de uma paz como fenômeno de natureza complexa e multidimensional, sendo, portanto, relacional, fruto de uma consciência que é interdependente, cujo caminho evolutivo se encontra no desenvolvimento da compreensão complexa do mundo e da vida, indicando que não haverá paz no mundo sem a transformação da consciência humana.

Mas, hoje, minha atenção e homenagem especial devem estar voltadas a Edgar Morin, querido amigo e amado Mestre, que se encantou em 29 de maio passado, momento em que me senti órfã não apenas de um pai intelectual, mas também de uma voz, de uma presença, de um olhar único e especial sobre a humanidade. É a ele a quem prestarei hoje, a minha homenagem e a minha reverência.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

EDGAR MORIN: HUMANISTA PLANETÁRIO

Quem é Edgar Morin?

Quem é Edgar (Nahoum) Morin? Quem é este ecologista das ideias e contrabandista dos saberes, com seu pensamento errante que transitou livre e ousadamente pelas mais diversas áreas do conhecimento? Quais eram suas ideias e propostas para se compreender o mundo da era planetária, este mundo virtual e globalizado, o mundo da multiculturalidade, da complexidade, da perplexidade, do encantamento e da incerteza? Quem foi este sujeito mestiço, provocador, solidário, errante, este peregrino atravessador de tantos desertos em busca do oásis da alma, do intelecto e do coração? Quem foi este artesão do conhecimento e humanista planetário que durante toda a sua vida foi movido por uma razão apaixonada e apaixonante e por seus "demônios" representados pela 'dúvida avassaladora, a busca da fé, a racionalidade e o misticismo'?

Toda e qualquer apresentação de Edgar Morin e de sua obra é sempre um grande desafio e por mais que eu tente, sinto-me como se estivesse sempre em dívida com ele, pois sua pessoa e sua obra estão mescladas e entretecidas por um anel virtuoso onde vida e obra já não mais se separam, vão se autorregulando, se autorregenerando e renovando continuamente seu pensar vital. Como ele tão bem reconheceu, sua vida intelectual foi sempre inseparável de sua vida pessoal, inseparável do amor, do amor sublime que cura, redime e transforma. E é neste redemoinho incessante que ele escreveu e se inscreveu na história, criou sua própria vida, nasceu a cada instante e a cada obra, renovou-se no amor e pelo amor, transfigurou-se e nos surpreendeu sempre com sua sabedoria, inteligência, sagacidade, simpatia, sensibilidade e amorosidade.

Morin foi um pensador prolixo e audaz que buscou enfrentar e compreender a complexidade do mundo contemporâneo, abrindo-se ao inteligível e revelando, muitas vezes, o inexplicável. Um intelectual provocador, um sujeito esperançoso que sempre nos surpreendeu, que defendeu a autonomia cultural e intelectual, que batalhou pelo reencontro da ciência com o humanismo, da cultura científica com a cultura humanística. Um intelectual vigilante e atuante, cuja voz sempre se levantou contra a aniquilação moral e física de quem quer que fosse, em especial, contra a tortura e a barbárie ou qualquer outra forma de opressão moral ou intelectual. Um pensador cujas ideias, inovadoras e instigantes, representaram uma

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

síntese aberta e, ao mesmo tempo, radical, a respeito do papel social e ético do conhecimento diante da “agonia planetária”.

Como pensador, é muito difícil de ser classificado, ou melhor, impossível. Nem ele mesmo conseguiu se enquadrar nesta ou naquela modalidade. Em realidade, foi sempre um grande autodidata e nesse processo vivencial foi em direção ao encontro de seus mestres do pensamento e obediente às suas intuições. Para ele, o que o distinguia era o uso desinibido de sua máquina cerebral e sua preocupação constante em obedecer às regras principais de sua máquina cognitiva, unindo todo conhecimento fragmentado, contextualizando ou situando toda verdade no conjunto do qual ela faz parte.

Em realidade, Edgar Morin foi um sujeito de múltiplos talentos, um eterno curioso e um sujeito estudioso, um eterno pesquisador no sentido pleno e existencial desta palavra. Um intelectual brilhante, um missionário da cultura, um militante da salvação planetária e um combatente espiritual pela regeneração do pensamento e do aprimoramento da consciência humana. Enfim, um humanista sem fronteiras, um intelectual que politizou e polinizou o conhecimento. Um homem para quem só podia haver 'ciência com consciência'. Um pensador que expôs suas incertezas, seus medos e seus “demônios”, que conviveu e questionou incessantemente suas contradições, suas verdades, em direção à conciliação e à complementaridade das ideias, mesmo sendo essas antagônicas ou separadas umas das outras. Alguém que acreditou na "utopia esperançosa", na esperança do improvável, mesmo que nutrida por um desespero irremediável. Alguém que defendeu publicamente suas polêmicas posições diante dos conflitos e das guerras; que se rendeu à democracia do debate sem rejeitar críticas externas, mas que se opôs frontalmente ao patrulhamento do pensamento e à falta de ética. Um sujeito simples, amável e generoso, consciente e atento ao mundo ao seu redor, que foi capaz de rever suas posições e seus argumentos sempre que necessário. Um sujeito que acreditou que a auto ética comporta, necessariamente, a autocrítica, que traz consigo uma ética que respeita o outro e o reconhece em sua legitimidade.

Mais do que nunca, Edgar Morin lutou de forma persistente e consistente em prol de uma ética planetária que surge a partir de uma ética individual, de uma auto ética fundada na fé e na redenção humana, na redenção do amor, como farol que ilumina a ética da fraternidade, da compaixão, do perdão e da redenção. Propugnou uma ética da compreensão que não se impõe como visão maniqueísta do mundo, mas como consciência moral e espiritual, inspirada por uma fé e por uma mística iluminadora de uma consciência cada vez mais esclarecida.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

Seu pensamento instigante e revolucionário abalou as estruturas de pensamento de cada sujeito-leitor ao colocar em questão os pilares da modernidade como também as certezas produzidas pela pós-modernidade e pela globalização. Ele nos instigou a exercitar um pensar mais amplo e, ao mesmo tempo, profundo e abrangente. Algo que não fosse simplista e muito menos simplório, mas que reconhecesse a simplificação como um dos momentos do pensar complexo, entendendo que a distinção não apenas isola, mas também reconecta, religa, interfere... Defendeu um pensamento que tem como baluartes principais, o diálogo, a tolerância, a compreensão, a pluralidade de ideias e ideais, o reconhecimento do outro em seu legitimo outro, o respeito inalienável aos argumentos contrários e ao direito de expressá-los.

Para Morin, o imperativo da religação é algo absolutamente contemporâneo e necessário, pois ciência e técnica já não podem atuar sem um pensamento que as enlace, que globalize e contextualize todas as implicações de sua existência. Esta compreensão é, hoje, fundamental, já que, como humanidade, estamos em condições socialmente injustas e críticas, ecologicamente severas, pelo fato de termos vivido, desde o século XVII, sob o império do paradigma da simplificação que nos instigou sempre a tentar controlar a aventura do pensamento ocidental, cujas consequências nefastas começaram a ser reveladas e aprofundadas a partir do século XX.

Para ele, toda época de crise exige um pensamento complexificado como antídoto ao pensamento simplificado e simplificador dos fenômenos. Dele depende nossa sobrevivência individual e coletiva como espécie para que possamos aprender a conviver com a diferença, com a diversidade sociocultural e com a pluralidade de ideias e ideais, pois, com a globalização, estamos todos desterritorializados e, todavia, ainda não aprendemos a viver/ conviver com as diferenças, a desenvolver uma inteligência coletiva capaz de nos ajudar a cultivar a participação, a compaixão, a solidariedade e a fraternidade amorosa. Continuamos nos esquecendo de que nossas demandas educacionais não estão separadas das demandas globais e planetárias. Como educadores, precisamos começar a enfatizar a tessitura social, ecológica e planetária comum a todos, a compreender as inter-relações existentes entre os diferentes domínios da natureza e a perceber a interdependência entre ser humano, ambiente, pensamento e processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

História de vida e mestiçagem: fragmentos religados

Edgar Nahoum, que se autonomeou Edgar Morin na clandestinidade da Resistência Francesa, durante a Segunda Guerra Mundial, nasceu em Paris, em 8 de julho de 1921. Filho de Luna Beressi e de Vidal Nahoum, este nascido em Salônica (Grécia) e naturalizado francês e cujas avós falavam espanhol sefardi do século XV. Sua origem, portanto, foi uma teia de influências grega, espanhola e turca, já que Salônica era da Turquia quando seu pai nasceu. Esta dificuldade para definir sua origem e seu lugar de pertencimento no mundo, certamente, influenciou seu pensamento transgressor de fronteiras e barreiras, possibilitando-lhe, desde o início, a vivência da complexidade e da transdisciplinaridade, a partir de sua própria origem.

Filho único, aos dez anos, viveu uma das experiências mais dolorosas, traumáticas e marcantes de sua vida ao perder sua adorada mãe, cuja enfermidade e lesão cardíaca resultaram em um parto complicado que acabou trazendo graves consequências de saúde para mãe e filho. Edgar Morin teve uma infância caracterizada por várias enfermidades e pela perda insuperável de sua querida progenitora, cuja experiência de orfandade tão precoce foi terrivelmente marcante para ele. Sessenta anos mais tarde, em seu livro, *Meus Demônios*, ele descreveu a sua dor ao expressar que "*Um Hiroshima interior me invadiu. Durante meses, durante anos, esperei, sabendo que o regresso de minha mãe era impossível"* (Morin, 1995a, p. 25).

Como não poderia deixar de ser, este acontecimento marcante, esta perda irremediável, acabou tendo vários desdobramentos importantes em sua vida e em sua obra. A esperança do impossível passou a dialogar com a desesperança, dois sentimentos contrários e complementares que acabaram animando sua dialógica existencial e intelectual, fazendo com que o ceticismo em relação à vida convivesse simultaneamente com a esperança pura e generosa, com a esperança criadora e redentora de sentimentos de beleza, fraternidade, amorosidade e paz. Daí seu grande interesse, desde muito jovem, pelos momentos de introspecção, pelos livros que alimentassem esses sentimentos contraditórios e que anunciassem tanto a redenção de suas dores, como a decepção e a descrença no futuro da vida. Daí, também, seu grande interesse e fascinação por autores como Pascal e Dostoievski que assumiram a complexidade humana e que mais intensamente viveram a contradição, bem como por filósofos como Heráclito e Hegel que nunca a suprimiram. Com Dostoievski, ele desenvolveu o sentimento de compaixão pelos humilhados e ofendidos, assim como a ideia de que a redenção ao criminoso é sempre possível.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

Está também aí a origem da dança incessante do seu pensamento buscando os limites entre o falso e o verdadeiro, entre o erro e a verdade, entre o real e o imaginário, entre o consciente e o inconsciente, entre o perigo e a salvação, entre o ceticismo e a esperança, entre a dúvida e a fé, um pensamento que vai de uma polaridade a outra, que vai de um limite ao outro, em uma espiral vertiginosa sem fim, nutridora das dimensões psicoafetivas e sociais responsáveis pela sobrevivência emocional e intelectual do ser humano.

Outra consequência importante desta dor provocada pela orfandade precoce foi sua grande descoberta de que todo conhecimento, toda percepção, toda ação, tem sempre como pano de fundo alguma emoção que se apresenta, não apenas como um estado de espírito revelador de prazer, alegria e contentamento, mas também um estado nutrido por sentimentos de fúria, desesperança, rebeldia, tristeza e solidão. Para Edgar Morin, o sujeito do conhecimento é sempre impulsionado por um sentimento que configura determinada estrutura cognitivo-emocional, mesmo que a emoção ou o sentimento subjacente lhe seja inconsciente. Ao mesmo tempo, ele aprendeu, a duras penas e muito precocemente, que as pulsões de morte podem se transformar em pulsões de vida, dependendo do potencial humano inerente a cada um em determinados momentos e condições vividas.

Assim, a fórmula de Heráclito: *Viver de morte, morrer de vida*, o atormentou desde sua mais tenra infância, como fermento das contradições vividas de modo consciente ou inconsciente. Seu potencial para resistir, enfrentar e superar adversidades, sua capacidade de resiliência diante dos acontecimentos dolorosos de sua infância foram, aos poucos, irrigando sua maneira de sentir, pensar e agir, provocando-lhe certa alquimia mental-emocional que possibilitou a emergência criadora de sua magnífica obra ao longo de todos esses anos. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas em sua infância e adolescência: a vida venceu! Embora, tenha lhe deixado marcas profundas e eternas e um diálogo corporal infinito entre tristeza e alegria, esperança e desesperança, vida e morte, amor e desamor.

Para sobreviver, emocional e intelectualmente, foi necessário aprender a problematizar a complexidade dos processos vitais e a dialogar com os diversos conjuntos de informações impregnadas em suas experiências de vida, a reconhecer-se como sujeito multidimensional, produto de um caldo cultural original e único. Um caldo no qual a mestiçagem cultural esteve sempre presente nas origens de seus impulsos criativos e de suas contradições, de seu ceticismo intelectual e de sua fé na criação humana, presente em seus diálogos entre esperança e desesperança. Diálogos alimentados por uma consciência desencantada com o real, mas nutrida por um pensamento de reencantamento poético, amoroso e sensível em

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

relação à vida e às dores do mundo. Diálogos nutridos pela sua capacidade de resiliência, pela sua tenacidade e persistência, pela sua consciência amorosa e que também moldaram sua espiritualidade, sua sensibilidade, sua poesia e prosa.

Em várias de suas obras, percebe-se claramente como a segunda guerra mundial mudou completamente a sua vida, pois nela ele encontrou seu destino intelectual e viveu seu drama antropológico ao ter que enfrentar uma racionalidade doutrinária e um cientificismo alienante. Nela, ele reconheceu a força e a fragilidade do trabalho intelectual nutrido pelo dever da consciência, pela responsabilidade com a palavra dita e pelo compromisso com sua "verdade interior", com seus demônios internos, com sua liberdade de pensamento e de expressão.

Sua vida sempre foi devorada pelo trabalho, pelas leituras e pelos livros que escrevia. No trabalho sempre estiveram seus interesses, suas paixões, seus amores, sua vida e suas crenças. Buscava nos momentos de escrita encontrar a paz da alma, a consciência do dever cumprido e a certeza de poder viver cada dia sem ter que dispender tanta energia com as travessias de desertos e busca de oásis fugidios. Mas, nem sempre isto foi possível. Muito pelo contrário! Nos momentos de escrita nem sempre ele encontrou a paz da alma, a aposentadoria tranquila, pois viveu errante na incerteza e na peregrinação por terras desconhecidas, viajando a lugares jamais imaginados, tentando resistir a um destino incerto, imposto de fora para dentro. Mas, a tudo isto ele sobreviveu ao obedecer às suas intuições e aos seus demônios, ao que a vida lhe revelava a cada instante, aprendendo a conviver com as incertezas, com as emergências e com o inesperado. Ele caminhou, não pelo caminho traçado *a priori*, mas pela estrada da vida construída a cada instante, vivenciando em suas entranhas os versos de Antônio Machado: *Caminante, no hay camino... se hace el camino al andar... y al volver la vista tras, se ha de ver el camino que nunca ha de volver a pisar*…[2]

A TEORIA DA COMPLEXIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA CIÊNCIA DA PAZ

Após, esta breve introdução inspiradora de nossas falas, retomo o tema: "Contribuição da Teoria da Complexidade para a construção de uma Ciência da PAZ" e percebo a sua extrema relevância para os dias atuais, para este tempo que nos toca viver; um tempo de caos

[2] O poema *Caminante, no hay camino* de Antônio Machado foi publicado na coleção *Proverbios y Cantares* em 1912.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

civilizatório, de grandes aflições, inquietudes, incertezas, beligerâncias e guerras... Um tempo em que precisamos buscar a luz capaz de renovar a esperança e impedir que o mundo se desfaça, nas palavras de Hannah Arendt.

Sim, vivemos tempos de crises, beligerâncias e guerras; crises nacionais, internacionais e planetárias. Crises de natureza ecológica, sanitária, econômica, política, ambiental, social, existencial e espiritual e que nos levam a questionar o sentido da existência humana, o sentido da vida, pois todas as suas facetas afetam a vida humana e a vida de todos os seres. Tempo de crise é também tempo de esperança, tempo de escolha, de mudança, de transformação e metamorfose.

Não sabemos como será o dia de amanhã, ou mesmo se teremos um futuro comum. A imprevisibilidade é tanta que tudo pode acontecer. Diagnósticos sombrios a respeito de nossa sociedade globalizada, enredada, revelam a emergência de fundamentalismos adormecidos, de desastres ecológicos de grandes proporções, de condições sub-humanas de muitos excluídos, o flagelo das guerras fraticidas que tanto sofrimento desnecessário e insuportável vem provocando a uma população que nada tem a ver com os desmandos e a prepotência de sociopatas autoritários e genocidas que criam a sua própria realidade delirante e persecutória, cujas consequências adversas sobre a vida das pessoas, a geopolítica mundial e o futuro do Planeta são absolutamente imprevisíveis e possivelmente, devastadoras. Especialmente, no caso das crianças que terão sua integridade física, emocional, psíquica, absolutamente afetadas e comprometidas pelo resto de suas vidas. Nunca a paz foi tão desejada e, ao mesmo tempo, esteve tão distante de cada um de nós!

Esta policrise de dimensões planetárias, complexamente tecida, nos faz refletir sobre a necessidade de fazermos as escolhas certas e oportunas; de atuarmos de maneira urgente, competente, prudente, consciente e comprometida com as mudanças civilizatórias necessárias para que possamos reimaginar um futuro comum e minimamente sustentável para todos os seres vivos.

Assim, tentando pensar nas possibilidades de contribuição do pensamento moriniano para a construção de uma Ciência da Paz, parto do pressuposto inicial de que ela não pode florescer a partir de uma cosmovisão equivocada, de uma visão de mundo nutrida por posicionamentos ontológicos e epistemológicos equivocados, como os da ciência tradicional, geradores de crises epistemológicas e antropológicas que afetam o ser humano em sua maneira de ser, de conhecer e estar neste mundo. Ao fragmentar as relações entre o ser e a realidade, entre o ser, o conhecer, o fazer e o viver/conviver, ao separar aprendizagem e vida,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

sujeito e objeto do conhecimento, indivíduo e contexto, estaremos, sim, afetando as relações do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza; ou seja, fragmentando as relações do triângulo da vida que representa nossa totalidade individual, planetária e cósmica. E sabemos que esses três elementos são mutuamente essenciais e complementares e, consequentemente, qualquer fragmentação ou ruptura nessas relações gera crises antropológicas e existenciais, ratificando, mais uma vez, que a paz interior depende da paz social e da paz ambiental tendo em vista a interdependência complexa dos processos que as constituem.

Hoje, a própria evolução da ciência revela a existência de imanência entre as estruturas do pensamento e do conhecimento com o mundo em que se vive, já que o ser condiciona o conhecer e que, por sua vez, volta a condicionar o ser a partir de suas interações com o mundo. Assim, a realidade ao nosso redor é um reflexo de nossos pensamentos, de nossas ações e reflexões, de nossa maneira de *sentipensar* e agir, de viver/conviver em sociedade. É fruto, portanto, da matriz biológica, psíquica, cultural e existencial que cada ser humano carrega dentro de si e que, por sua vez, é também influenciada pela matriz cultural e existencial construída socialmente. Todos esses aspectos nos revelam o quanto a ontologia, a epistemologia e a antropologia estão imbricadas, interconectadas, e a consciência desses vínculos é, hoje, algo absolutamente fundamental, como condição de nossa sobrevivência como espécie e cultivo de uma vida em Paz.

Assim, uma nova Ciência da Paz não poderá florescer em um ambiente pautado em um pensamento linear, disjuntivo, fragmentado e simplificador da realidade, do mundo e da vida. O compromisso ético e a vivência de uma cultura da paz exigem novas maneiras de ser e estar no mundo e, consequentemente, novas maneiras de conhecer e aprender, para que se possa combater as raízes do egocentrismo, do consumismo, do individualismo, do reducionismo e da exploração dos recursos humanos e naturais. Desta forma, entendo que a maneira de ser e de estar no mundo, de viver/conviver no aqui e agora, de enfrentar, ou não, os problemas cotidianos dependem da maneira do sentir, pensar e agir de cada um de nós, de como compreendemos a realidade e dialogamos com ela. Depende, portanto, da cosmovisão presente em cada um de nós, ou seja, do paradigma subjacente às nossas reflexões e ações.

Assim, a Ciência da Paz necessariamente precisa estar fundamentada em um novo paradigma científico, gerador de uma nova matriz biológica, cognitiva, cultural e existencial, o que exige uma reforma do pensamento tradicional, que promove a simplificação e a fragmentação dos processos ecológicos, sanitários, sociais, culturais, econômicos e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

espirituais, enfim, a fragmentação dos processos da vida. Esse paradigma da modernidade já não dá conta de resolver toda essa problemática que tanto nos afeta e fragiliza a alma humana. Urge, pois, uma mudança global no paradigma civilizatório, nos diria Edgar Morin, pois é preciso buscar novas vias civilizatórias, usar a imaginação criativa do ser humano para o enfrentamento e a regeneração dos processos civilizacionais e, dentre esses, dos processos educacionais, lembrando, com Edgar Morin, que tudo que não se regenera, degenera.

E Edgar Morin também nos ensinou que toda reforma paradigmática precisa estar balizada por uma reforma do conhecimento, por uma reforma epistemológica, seguida de uma reforma metodológica congruente com os princípios teóricos professados. Daí a importância do trabalho de Edgar Morin, em especial, de sua Epistemologia da Complexidade.

A epistemologia é o ramo da Filosofia da Ciência que investiga a natureza do conhecimento científico. Para Ernst Glasersfeld (1994), é o estudo de como a inteligência opera, de como ela constrói conhecimento. É, portanto, a ciência que explica como nós conhecemos o que conhecemos.

Assim, a Epistemologia da Complexidade explica como podemos conhecer a realidade a partir dos princípios de inteligibilidade complexa propostos por Edgar Morin. E qual seria a ambição desta Epistemologia? Ela aspira a construir um saber não fragmentado, não redutor, reconhecendo a provisoriedade, o inacabamento e a incompletude de todo conhecimento. Sua ambição está em dar conta de articular campos de conhecimento distintos que foram desmembrados pelo pensamento tradicional, pelo pensamento disjuntivo, que isola e fragmenta tudo aquilo que interage, liga e interfere. Qual é o seu desafio? Seu desafio está em transformar o nosso olhar como professores, pesquisadores e cidadãos. Transformar o olhar sobre as atividades cognitivas desenvolvidas, sobre as nossas relações sociais, ecológicas e planetárias. Enfim, transformar nossas relações com o mundo e a vida. E como podemos transformar o nosso olhar, o nosso sentipensar e agir? Usando o conjunto de recursos conceituais que ela nos oferece para pensar, recursos esses que mudam o tipo de racionalidade desenvolvida. A esse conjunto de recursos conceituais, Morin chama de operadores cognitivos para um pensar complexo, dentre os quais destacamos os princípios dialógico, recursivo e hologramático, dentre outros princípios de inteligibilidade complexa.

A Epistemologia da Complexidade nos ajuda, portanto, a pensar complexamente. O pensar complexo é o ato cognitivo, a capacidade humana de pensar interligando as diferentes dimensões do real. É um modo de pensar que não é redutor e nem totalizante, mas, sim, reflexivo. Aprender a pensar complexamente é ser capaz de perceber/construir o diálogo entre

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

o uno e o múltiplo, entre unidade e diversidade, entre sujeito e objeto do conhecimento, entre ser e realidade, entre natureza e cultura, e tudo isso em movimento de conjunção, de interação. É fazer dialogar com as dimensões aparentemente antagônicas, descobrindo sua complementaridade, percebendo a possibilidade da emergência de um terceiro incluído, de uma terceira alternativa anteriormente não percebida e que estava oculta no processo.

Assim, a Epistemologia da Complexidade, com seus operadores cognitivos para um pensar complexo, nos ajuda a reorganizar o pensamento, a promover a reforma do pensamento e, portanto, a reorganizar o conhecimento em níveis mais elevados de consciência, sabendo que a simplificação existe, mas precisa ser relativizada, percebida em suas interações e relações com o contexto, com os demais elementos envolvidos no processo. Ela traz consigo uma racionalidade aberta que se apresenta nos processos de construção do conhecimento e na aprendizagem. Aberta às contradições, às emergências, ao acaso, e às incertezas, ou seja, aberta à vida, ao contexto, ao desconhecido, à evolução e à sua própria metamorfose.

Pensar complexamente é perceber a complementaridade dos processos, o papel construtivo do sujeito em todo o processo. É pensar nutrido pelo diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento ou domínios linguísticos, o que nos leva a pensar religando os saberes inter e transdisciplinares, porque a complexidade nos ajuda a trabalhar nas fronteiras do conhecimento articulando os saberes científicos e humanísticos, indo além do que foi previamente estabelecido.

Enfim, a Epistemologia da Complexidade nos ajuda a pensar bem, a pensar eticamente bem, religando as partes ao todo e todo às partes; a pensar contextualizando as ideias e o conhecimento e se solidarizando com o outro, expandindo a compreensão sobre nossa condição humana e, em especial, sobre as relações com o triângulo da vida. Assim, a complexidade não é uma nova disciplina, mas se revela como uma lógica que, com seus operadores cognitivos, irriga epistemologicamente a ciência, a cultura, a sociedade e a educação, influenciando os modos de ser, de conhecer e de viver\conviver. E todos esses aspectos, condicionam, certamente, o nosso presente e o nosso futuro comum, influenciando a concepção e materialização de uma Ciência da Paz.

E como a Teoria da Complexidade poderá colaborar para a construção de uma Ciência da Paz? De inúmeras maneiras e possibilidades. Primeiramente, rompendo com a dualidade epistemológica e seus reflexos na política humana, social e ambiental que se pretende cultivar. Uma cultura de Paz que tenha como missão solidarizar o planeta, visando a diminuição das

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

injustiças sociais e climáticas que afetam todos os aspectos da vida humana, não poderá florescer pautada na dualidade e na fragmentação dos processos vitais intrínsecos às relações entre o ser e a realidade e que se manifesta também nas interações indivíduo/sociedade/natureza. Isto porque a paz é, ao mesmo tempo, a expressão de uma certa harmonia interior, de uma harmonia social e de um equilíbrio ambiental em relação à natureza. Não existe paz no plano pessoal quando a miséria, a fome e a violência se manifestam no plano social ou quando a natureza que nos cerca está sendo ameaçada e destruída. O princípio da unidade na diversidade, proposto por Edgar Morin, traz consigo esta visão unificadora que nos une à natureza, ao cosmo e aos demais seres que habitam este nosso belo planeta azul. A paz seria, então, um reflexo desse aparente equilíbrio que está sempre em movimento, em processos de autoeco-reorganização constante.

Assim, a epistemologia da complexidade implica mudança epistemológica e, consequentemente, lógica, com uma racionalidade que tem consequências diretas na vida diária de cada cidadão/ã. Por exemplo, ela diminuiu o abismo entre ciências biológicas, sociais e antropológicas, revelando que a ciência está profundamente ligada à cultura e à sociedade, indicando que toda ciência da natureza precisa das ciências humanas e vice-versa. Assim, Morin, ao romper com esta dualidade ontoepistemológica, abriu o diálogo para com outras formas de conhecimento como, por exemplo, entre ciência e tradição, reconhecendo sua complementaridade e não contradição ao perceber que a realidade é una e indivisível, constitui um todo. O que é chamado de partes são os fios de uma trama complexa de relações. Isso é de suma importância porque ajuda a melhor perceber a complexidade da tessitura da vida e dos processos de construção do conhecimento, abrindo também as portas para uma nova visão de humanidade e para uma racionalidade aberta ao imprevisto, ao inesperado, à intuição e ao sagrado que se apresenta dentro de cada um de nós. O rompimento dessa visão ontológica e epistemológica dualista é condição fundamental para a construção de uma Ciência da Paz.

Um outro aspecto importante é que a epistemologia da complexidade tem como um dos operadores cognitivos fundamentais a reintegração do sujeito no processo de construção do conhecimento e o reconhecimento de sua multidimensionalidade. Compreender o ser humano como *unitat multiplex*, nas palavras de Edgar Morin, como unidade na diversidade. É um ser multidimensional, dotado de razão, emoção, intuição, sensibilidade e espiritualidade e não apenas constituído por uma cognição que dilui e fragmenta a condição humana. Ele ressuscita o sujeito com seu pensamento racional, empírico e técnico, mas também nutrido

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

pelo seu pensamento simbólico, mítico e mágico, enriquecido pelo seu imaginário, por sua poesia e prosa, pela sua intuição, sua ética e espiritualidade. E esta visão integradora é absolutamente fundamental, pois a paz, como um processo dinâmico e integrado, exige a participação integral do indivíduo, em toda sua corporeidade, já que a paz interior é também reflexo da paz no corpo, da paz no coração e da paz no espírito. Desta forma, o princípio da *unitat multiplex*, da unidade na diversidade, é sim um princípio integrador da dinâmica da vida e do universo, devendo ser reconhecido como estruturante de uma da Ciência da Paz. A negação deste princípio traz consigo a ilusão da separatividade, da fragmentação e do reducionismo, condições adversas à cultura de paz, já que ela estaria articulada às noções de união, integração, religação do que é indissociável e tecido junto.

Assim, a Ciência da Paz pressupõe uma racionalidade aberta e um novo olhar sobre as relações entre sujeito e objeto, evitando-se assim a exclusão do sujeito nos processos de construção do conhecimento, a sua negação ontológica geradora de uma patologia do saber, pautada na dualidade corpo/mente e na separabilidade entre o ser e a realidade. A inseparabilidade entre sujeito e objeto, ser e realidade, é condição fundamental para o reconhecimento da complexidade constitutiva do real, para que o ser humano possa perceber a si mesmo como um ser autônomo, consciente de sua liberdade e de sua criatividade, mas cuja autonomia é, ao mesmo tempo, relativa por ele ser também parte de um coletivo. A Ciência da Paz precisa estar fundamentada em explicações ontológicas de natureza complexa, na qual ser e realidade, sujeito e objeto, são constitutivos um do outro, religados, em sua essência, pelo princípio da complexidade.

Também é importante destacar que a epistemologia da complexidade favorece a produção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, mediante o intercâmbio de conceitos, metodologias e técnicas entre as ciências físicas, biológicas, sociais, arte e tradições. Isto porque toda realidade complexa leva em conta múltiplas dimensões, níveis, planos, escalas espaciais e temporais diversas e, consequentemente, diferentes contextos, áreas de conhecimento, valorizando a diversidade de elementos e formas de expressão. São múltiplos contextos ou domínios linguísticos que se relacionam envolvendo várias dimensões do sujeito. Assim, é a transdisciplinaridade que permite religar essas dimensões que estão entre, através e além dos níveis de realidade apresentados e leva a buscar uma terceira via de compreensão em relação ao conhecimento construído, o que amplia o nível de percepção e de consciência do sujeito transdisciplinar.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

Assim, a transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos, às religiões e temas afins. Uma atitude aberta capaz de integrar, relacionar, religar, associar diferentes olhares e perspectivas, o que também é fundamental para uma Ciência da Paz. Ela se ocupa dos conteúdos disciplinares, garantindo sua máxima eficácia, mas também vai além, em direção aos conteúdos não disciplinares emergentes, para poder reencontrar, simultaneamente, o sujeito na complexidade da sua condição humana, em sua multidimensionalidade, com seus diferentes níveis de percepção da realidade. Reencontra o sujeito com sua sensibilidade, com sua poesia e prosa, com sua criatividade, sua imaginação e com o seu conhecimento espiritual revelador do sagrado que habita o seu interior. Desta forma, a transdisciplinaridade ajuda a relacionar os diferentes saberes, as diferentes áreas do conhecimento, mas também a reencontrar o fenômeno humano em sua multidimensionalidade, não apenas no que se refere à sua natureza cognitiva, mas também emocional, artística e espiritual. Colabora também para religar as diferentes ecologias constitutivas das dimensões da paz, ou seja, a ecologia interior, a ecologia social e a ecologia ambiental, três níveis de realidade e de consciência distintos e que, em sua globalidade, expressam o nível de consciência de nossa humanidade.

Um outro aspecto interessante que favorece a construção de uma Ciência da Paz é que a epistemologia da complexidade tem como um dos operadores cognitivos mais importantes o princípio dialógico. O diálogo como condição fundamental da dinâmica da vida e que se constitui como forma operativa do Pensamento Complexo, devendo ser cultivado em todas as suas dimensões. Diálogo como forma operativa do Pensamento Complexo, é a base estruturante deste pensamento, como algo que religa, aglutina, sustenta os vínculos entre pessoas, organizações e sistemas diversos. A dialógica ocorre para dar conta da associação do que é aparentemente considerado antagônico, a partir da ideia da união dos contrários. Assim, é o diálogo que mantem o vínculo relacional e que reconhece o outro em seu legitimo outro e que, portanto, o legitima. Ele está na base dos processos de soluções de conflitos e nos ajuda a compreender as diferenças culturais, as múltiplas realidades culturais e suas diversas visões de mundo, reconhecendo que nenhuma cultura deve se sobrepor a outra, pois a diversidade cultural deve ser compreendida como riqueza da humanidade. A abordagem transdisciplinar é sempre dialógica e transcultural.

A multirreferencialidade é também um dos pressupostos importantes dessa matriz científica de natureza complexa que reconhece o caráter plural constitutivo de uma realidade que é complexa e que se manifesta de diferentes maneiras. A epistemologia da complexidade

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

requer a aceitação da pluralidade, da diversidade e da heterogeneidade de olhares e opiniões dos sujeitos, condição também para o cultivo de uma cultura de paz. Associadas à essa perspectiva multirreferencial, estão também as perspectivas de inclusão, de solidariedade, de alteridade, como características fundamentais deste paradigma. Uma solidariedade que é genuína, que brota de dentro para fora, que reconhece que somos individualidades em comunhão e que todo processo evolutivo implica parceria, religação e coevolução. Que nada evolui de modo isolado, mas junto com seu entorno do qual está inseparavelmente unido em termos de energia, matéria e informação.

Outro aspecto fundamental da epistemologia da complexidade é a perspectiva ética que deverá estar presente em todo ato educativo voltado à construção de uma cultura de paz. Uma ética da e para vida, que acredita na partilha, na troca, na cooperação, na solidariedade e na fraternidade. Uma ética planetária que, para ele, surge de uma auto ética fundada na fé e na redenção humana, na redenção do amor como farol que ilumina a ética da fraternidade, da compaixão, do perdão. Uma ética que se revela no respeito ao outro, apesar das diferenças, baseada na solidariedade e na responsabilidade, na grandeza e na sabedoria do gesto amigo, generoso e solidário. Uma ética do cuidado, da cordialidade, da amizade, enfim, uma ética nutridora de vida, por ele reconhecida como bioantropoética e que, por sua vez, é inseparável da antropoética (ética humana) que precisa estar a serviço da vida e do ser humano. Uma ética capaz de reintegrar o cosmo, a matéria, a vida e o ser humano, capaz de resgatar o espírito de solidariedade entre os seres e a gratidão pela vida por parte de todos, aqueles que compartilham um memos destino comum.

Morin nos fala que a ética precisa da fé (Morin; Kern, 1995b), como primeira condição. Fé no amor, fé na fraternidade, fé na comunidade de destino como fontes de energia e de vida. Assim, uma Ciência da Paz requer necessariamente novos valores éticos e estéticos geradores de uma nova estética do pensamento, no sentido de colaborar, de maneira mais decisiva e incisiva, para a transformação dos processos de humanização e de compreensão de nossa condição humana. E tudo isto depende de uma educação de qualidade, pautada em novos valores éticos e estéticos, capaz de colaborar como instância regeneradora do humano e do ambiente em que que se vive, no sentido de ampliar os níveis de percepção e de consciência das novas gerações para que possamos compreender que somos parte de uma comunidade de vida, de um todo representado pela grande teia da vida.

Além das questões ontoepistemológicas da complexidade que contribuem para a construção de uma Ciência da Paz, vale a pena também observar que grande parte da obra de

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

Edgar Morin reverbera em reflexões significativas que nos ajudam a construir novas perspectivas civilizatórias capazes de iluminar novos caminhos para a construção da Paz, e para viver/conviver em nossa Terra-Pátria, a qual, conscientes ou não, estamos todos implicados e envolvidos. Por exemplo, o conceito de *cidadania planetária* é um deles e está presente em várias obras de Edgar Morin (Morin; Kern, 1995b, Morin, 2009) que, por sua vez, propugna uma *cidadania planetária* que promova uma mundialização mais cooperativa e solidária, que defenda radicalmente todas as formas de vida existentes no planeta e os interesses dos povos, que respeite suas tradições, no sentido de promover a integração da diversidade cultural da humanidade e que incentive a economia solidária como maneira de colaborar para diminuir os efeitos perversos das diferenças socioeconômicas.

Para ele, o conceito de *cidadania planetária* surge a partir de uma consciência que reconhece que, independentemente da nacionalidade e do contexto em que vivemos, estamos todos em um 'mesmo barco', habitando um mesmo planeta que necessariamente precisa ser cuidado, reconhecido, valorizado e amado. Para tanto, é preciso consensuar valores, princípios, atitudes e comportamentos comuns, sem os quais não daremos conta de enfrentar a policrise que vem afetando e colocando em xeque a sobrevivência de nossa civilização.

Em sua obra 'Rumo ao abismo: ensaios sobre o destino da humanidade (Morin, 2011b, p. 75), Edgar Morin nos pergunta: *que política seria necessária para que uma sociedade-mundo pudesse se constituir não como o coroamento planetário de um império hegemônico, mas como base de uma confederação civilizatória?* Para ele (2011b), seriam necessários alguns princípios nutridores de uma política de humanidade em escala planetária e de uma política de civilização, bem como o abandono do termo *desenvolvimento*, mesmo atenuado pelos conceitos *estável, sustentável e humano*. Já não podemos aceitar o modelo ideal e perfeito dos países considerados desenvolvidos, dos países ocidentais, cuja meta e finalidade da história humana seria o estado atual das sociedades ocidentais. São modelos que não questionam os princípios e valores, que ignoram as qualidades da existência, do meio-ambiente e da vida, bem como o dom, a magnanimidade, a honra e a consciência, além de não reconhecer os tesouros culturais, as tradições, as civilizações arcaicas e a sabedoria das culturas milenares.

Para Edgar Morin (2011a), já não podemos continuar atenuando os problemas ou retardando a busca de suas soluções. É preciso tentar encontrar um ponto de partida, um novo começo, promovendo uma *política de civilização e uma política de humanidade*. Uma política do humano como missão urgente para solidarizar o planeta, visando diminuir as injustiças

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

sociais em todos os aspectos da existência humana e no sentido de resguardar os bens planetários, como a água, os lençóis petrolíferos, a qualidade do ar que respiramos etc. Uma política de civilização capaz de cuidar dos problemas mais vitais do planeta, voltada para a criação de uma sociedade-mundo que promova a reforma do espírito humano e a reforma do pensamento, visando ao desenvolvimento da compreensão e da solidariedade humana.

E de certa forma, ele ratifica que essas mudanças ou reformas do pensamento e das instituições não acontecem sem uma transformação de natureza mais profunda, de natureza paradigmática, o que certamente, pressupõe novas perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas para se trabalhar em educação. Sem elas não haverá a reforma do pensamento humano, a reforma interior dos espíritos e das pessoas, a cada dia mais urgente e necessária à política civilizacional.

Para Edgar Morin, precisamos aprender a pensar em termos planetários a política, a economia, a ecologia, as riquezas ambientais, as diversidades culturais e a reconhecer a relação de interdependência e de inseparabilidade entre os fenômenos e seus respectivos contextos e destes com o contexto planetário. Precisamos também aprender a pensar religando o que está separado, pensar de maneira complexa, respeitando a diversidade, reconhecendo nela cada unidade que a constitui e discriminando os processos de interdependência. Isto significa ter um *pensamento ecologizado* que, em vez de isolar o objeto, percebe-o em suas relações autoeco-organizadoras com seu ambiente natural, sociocultural, político, econômico e espiritual. Um pensamento que concebe a *ecologia da ação* e a *dialógica* em ação e que seja capaz de encontrar estratégias compensatórias sempre que necessário.

Assim, todos esses aspectos reverberam em uma educação para a paz que precisa estar no centro de um programa de reconstrução democrática, de reconstrução da paz, de justiça restaurativa, de uma nova política civilizatória que cultive a fraternidade humana, que promova a reforma do pensamento e do espírito humano, visando ao desenvolvimento da compreensão, da responsabilidade ecológica e social, da solidariedade humana. Enfim, privilegiando o cultivo de uma consciência de cidadania planetária e democrática. Como processo permanente de ação transformadora, a educação é, sem dúvida, um dos instrumentos para restaurar valores e ajudar a promover a arte de se viver em paz, de possibilitar novas oportunidades de inserção laboral e social, de promover a ética da solidariedade, da diversidade, da responsabilidade e do compromisso com a reintegração das relações com o triângulo da vida representadas pelas interações indivíduo/sociedade/natureza, condições para que a paz esteja presente em cada um de nós e em nossas relações com o mundo e a vida.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

E desta forma, faço minhas as palavras de Robert Muller *apud* Weil (1993, p. 30), que foi criador e reitor da Universidade da Paz de Costa Rica, que em 1989 disse: "*A paz está dentro de nós, ou então ela não existe. Se é na mente dos homens que começam as guerras, então, é nas escolas da Terra que se moldará essa nova consciência capaz de pôr um termo a toda violência no mundo*".

CONCLUINDO PROVISORIAMENTE

A paz é certamente um fenômeno complexo e transdisciplinar que exige a contribuição de outros saberes para a ampliação de nosso nível de percepção da realidade. E é, neste sentido, que entendo também a construção do Paradigma Educacional Ecossistêmico, pautado na complexidade e na transdisciplinaridade como eixos epistemológico estruturantes e que busca novas possibilidades de atualização das potencialidades humanas, individuais e coletivas, a partir de ações pautadas na esperança radical de que o ser humano, a partir do exercício do pensamento reflexivo, consciente e autocritico, pode chegar a ser mais plenamente humano, mais singularmente pessoa e mais conscientemente cidadão/ã.

Para tanto, é preciso uma educação criativa e humanamente transformadora, centrada na condição humana, como quer Edgar Morin, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade, da ética, da espiritualidade, assim como, na diversidade de saberes, na pluralidade cultural e no cultivo da paz e da fraternidade humana.

Sem educar para a compreensão humana, ou para a condição humana, fica difícil, ou mesmo impossível, promover uma cultura de paz e não violência, promover a cidadania planetária e democrática, ancorada no respeito à diversidade e aos direitos humanos universais. O desenvolvimento da compreensão de nossa condição humana, de que somos seres terrestres e, ao mesmo tempo, seres cósmicos, seres espirituais, sociais e culturais, é fundamental para que possamos construir nossa identidade terrena e espiritual, o que, por sua vez, exige o respeito à Terra-Pátria, à vida em toda a sua multidimensionalidade e possibilidades de manifestação.

A paz que todos buscamos, ainda mais fervorosamente nos dias de hoje, depende desta mudança de consciência, depende da reforma do pensamento e das instituições, como proposto por Edgar Morin, depende desta reintegração do meio-ambiente à consciência antropológica e social da humanidade. Daí a importância do pensamento moriniano, de sua epistemologia, pois nenhuma consciência planetária, capaz de promover o despertar humano

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

para a paz e a fraternidade, poderá emergir a partir de uma epistemologia positivista equivocada que fragmenta o ser, a realidade e a vida, que fragmente o ser de seu processo de conhecer e de viver/conviver.

E com o mesmo propósito, busco colocar em prática esta epistemologia da complexidade através do meu trabalho sobre o Paradigma Educacional Ecossistêmico. Trabalho este que tento fazer com que essas explicações de natureza ontológica e epistemológica se materializem e sejam vivenciados nos espaços educacionais, para que os ambientes de aprendizagem possam se transformar em um "locus" da experiência humana que integre a pessoa, a sociedade e a natureza e que reconecte o ser humano com a matriz biológica da vida.

Nossa maneira de ser e estar no mundo, de viver/conviver com mais ou menos sabedoria, de viver em paz, de enfrentar ou não os problemas civilizatórios atuais, depende da nossa maneira de pensar, sentir e agir, de compreender a realidade e a dialogar com ela. Isto depende, sim, da cosmovisão de cada um construída ao longo de sua vida, configuradora da matriz biológica, existencial, social e cultural de cada sujeito aprendente.

Concluindo e pensando um pouco mais sobre esse a possibilidade de construção de uma Ciência da paz, ratifico que é preciso resgatar a esperança no improvável, como quer Edgar Morin e Hulot (2008), fazer com que o improvável dialogue com o provável, com aquilo que o espírito humano imagina que possa realmente acontecer, dando asas à imaginação criativa do ser humano para que ela seja colocada em ação, em busca de novos caminhos possíveis para todos os seres vivos desta nossa bela Terra-Pátria.

> *«... Sou educador porque me indigno. E me indigno porque acredito. E acredito porque tenho esperança. E tenho esperança porque ainda há jovens que perguntam..."*
>
> Rubem Alves (1994; p. 31)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

GLASERSFELD, Ernst von. Introdução ao construtivismo radical. *In*: WATZLAWICK; P. (Org.). **A realidade inventada**. Campinas, SP: Editorial Psy, 1994.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995a.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.

Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995b.

MORIN, Edgar; HULOT, Nicolas. **El año I de la era ecológica.** Barcelona: Paidós, 2008.

MORIN, Edgar. **Por una política de civilización**. Barcelona: Paidós, 2009.

MORIN, Edgar. **La vía**: para el futuro de la humanidad. Barcelona: Paidos, 2011a.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo**: ensaios sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz**: por uma nova consciência, por uma nova educação. Trad. Helena Roriz Taveira; Hélio Macedo da Silva. São Paulo: Editora Gente, 1993.

SOBRE A AUTORA

Maria Candida Borges de Moraes
Possui Mestrado em Ciências pelo Instituto de Pesquisas Espaciais, título revalidado pela UNICAMP, e Doutorado em Educação (currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Católica de Brasília. Assessora de Planejamento do Ministério da Educação e do Ministério do Planejamento. Pesquisadora permanente do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisa em Complexidade/CNPq e coordenadora adjunta da Rede Internacional de Ecologia dos Saberes – RIES, da Universidade de Barcelona. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em fundamentos da educação, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia, paradigma, complexidade, transdisciplinaridade, pedagogia ecossistêmica. Em 2019, recebeu o Prêmio Ricardo Marin, da Associação de Criatividade da Espanha - ASOCREA, por suas contribuições à área. É membro do Conselho Científico da Fundação Edgar Morin de Paris e Diretora Institucional do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin.
E-mail: mariacandidam4@gmail.com

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5406, 2026.
Recebido em: 01/07/2026 | Aceito em: 03/09/2026